

O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: BRINCAR: REFLEXÕES TEÓRICAS E PEDAGÓGICAS

Márcio Issler

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Email: marcioissler@hotmail.com

Resumo: Este trabalho resulta de questionamentos, reflexões e análises efetivadas ao longo dos estudos realizados sobre educação infantil, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. A metodologia utilizada é de cunho qualitativo. O estudo das rotinas, do planejamento de conteúdos e sua efetivação, permitiram, definir como prioridade a necessidade de aprofundar a temática sobre o Brincar considerando-o como atividade principal na infância pré-escolar. Partindo da concepção de que o Brincar não é inerente ao ser humano o objetivo deste trabalho é compreender a importância da brincadeira para o desenvolvimento infantil. Considerando que a Educação Infantil tem se constituído legalmente como o espaço para cuidar e educar crianças de zero a cinco anos, é preciso refletir a partir das crianças e para as crianças. Para isso, o trabalho do professor, entendido como o sujeito que organiza que elabora materiais, atividades, que prepara ambientes, e que compreenda que para as crianças se humanizarem, elas precisam se apropriar das capacidades, comportamentos e da cultura mais elaborada, sem desconsiderar, contudo, a especificidade da infância. Portanto, o brincar para a criança é muito mais que um ato de aprender, é uma necessidade que precisa ser incentivada pelos pais e professores. A brincadeira na fase da Educação Infantil é a principal atividade da criança, é por meio dela que os pequenos se apropriam da linguagem, da exploração, da manipulação e da função social dos objetos, imitam e representam papéis com o objetivo de compreender o universo dos adultos; internalizam regras sociais e os conteúdos.

Palavras-chave: Brincar, Educação Infantil, Aprendizado, Formação de professores.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de questionamentos, reflexões e análises efetivadas ao longo dos estudos realizados sobre educação infantil direcionados ao trabalho pedagógico na docência, almejando a socialização do conhecimento e a reflexão sobre a práxis pedagógica.

Assim sendo o estudo das rotinas, do planejamento de conteúdos e sua efetivação, permitiram, definir como prioridade a necessidade de aprofundar a temática sobre o Brincar considerando-o como atividade principal na infância pré-escolar.

Para desenvolvimento da pesquisa, utilizou-se a metodologia de pesquisa qualitativa de Flick (2004), onde os dados levantados são descritos como qualitativos, referindo-se a uma riqueza de informações. A análise de conteúdo foi realizada segundo o método proposto por Bardin (2000),



o qual defende que entre as diversas técnicas de análise das comunicações humanas a linguagem escrita se constitui como a mais estável, além de permitir a consulta quantas vezes forem necessárias.

É deste modo, que partindo da concepção de que o Brincar não é inerente ao ser humano e que a Educação Infantil é um direito da criança, objetivamos neste trabalho compreender a importância da brincadeira para o desenvolvimento infantil na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, fundamentando-nos nos estudos de Vygotsky (1998), Elkonin (2009) e Arce (2013).

Tendo em vista que a Educação Infantil nos últimos anos tem se constituído legalmente como um espaço para cuidar e educar as crianças de zero a cinco anos, é preciso pensar a partir das crianças e para as crianças. Com o intuito de realizarmos algumas reflexões e análises que partam da compreensão de que o brincar é uma ação construída historicamente pelo sujeito e aprendida culturalmente.

É fundamental considerarmos o trabalho do professor, como o sujeito que organiza, que elabora materiais, atividades, que prepara ambientes para as crianças se humanizarem, pois é preciso que cada uma delas se apropriem das capacidades, comportamentos da cultura mais elaborada, sem desconsiderar, contudo, a especificidade da infância.

BRINCAR: REFLEXÕES TEÓRICAS E PEDAGÓGICAS

Atualmente a importância do brincar para o desenvolvimento infantil é amplamente reconhecida, sendo comum observarmos as crianças com uma rotina bastante exaustiva, tomada por diversas atividades, deixando assim o brincar em segundo plano. No campo da psicologia da educação também tem realizado inúmeros estudos dando ênfase a importância da atividade lúdica para o desenvolvimento das crianças.

Nesse sentido partimos da concepção de que “[...] a brincadeira para a criança não é instintiva, mas precisamente humana, atividade objetiva, que, por constituir a base da percepção que a criança tem do mundo dos objetos humanos, determina o conteúdo de suas brincadeiras” (LEONTIEV, 1978, p. 120).

Assim, o desenvolvimento é entendido como um ato de conquista pela criança, por meio das experiências vividas juntamente com os adultos, que os ajudam a realizarem atividades, das quais, a criança irá realizar posteriormente sozinha.



Leontiev (1978) quando escreve sobre o significado da brincadeira no estágio de desenvolvimento infantil, nos diz claramente que a brincadeira infantil, na perspectiva histórico-cultural, consiste em uma atividade tipicamente humana.

Deste modo para Vygotsky, (1998):

O brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal na criança, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento (VYGOTSKY, 1998, p.134-135).

Como se vê, Vygotsky (1998) salienta que o brinquedo é extremamente importante para o desenvolvimento da criança, pois, provoca mudanças na forma de se relacionar com o mundo, criando situações que ira lhes auxiliar a desenvolver e internalizar regras, onde formarão conceitos.

Ressaltamos ainda que a criança quando está brincando, comporta-se de maneira diferente do que acontece em sua vida cotidiana, age conforme o modo de funcionamento daquilo que imita, internalizando assim as regras.

Com efeito, quando Vygotsky (1998) discute o papel do brinquedo, refere-se especificamente à brincadeira de "faz-de-conta", como brincar de casinha, brincar de escolinha, brincar com um cabo de vassoura como se este fosse um cavalo.

Importante ressaltar que o brinquedo não é uma atividade que sempre ira dar prazer à criança. Para Vygotsky (1998, p.61-62):

[...] é incorreto definir o brinquedo dessa forma por duas razões: Primeiro muitas atividades dão à criança experiências de prazer muito mais intensas do que o brinquedo, como por exemplo, chupar chupeta, mesmo que a criança não se sacie; e, segundo, existem jogos nos quais a própria atividade não é agradável, como por exemplo predominantemente no fim da idade pré-escolar, jogos que só dão prazer à criança se ela considera o resultado interessante.

Elkonin (2009) corrobora o conceito trazido por Leontiev (1978) quando diz que a atividade lúdica não é algo natural da criança, que já nasce com ela, mas sim socialmente construído. Ao brincar, a criança conhece e relaciona-se com a sociedade em que vive. Portanto é por meio da brincadeira que ela conhece o objeto, passa a manipula-o, até que aprende a utilizá-lo na brincadeira, buscando com auxilio da imitação dos adultos que estão a sua volta.



De acordo com Elkonin (2009, p.208) “[...] o desenvolvimento dos aparelhos sensoriais está implícito desde o começo na interação da criança com os adultos que dela cuidam e transcorre em função de um processo de aprendizagem”. Eis a razão, para salientarmos a importante mediação do adulto, pois é quem irá estimular a criança, mostrando o objeto, fazendo movimentos a fim de que a criança possa vir a utilizá-lo posteriormente.

Elkonin (2009) ainda destaca o papel primordial do adulto com a criança. O mesmo tem a função de estimular e possibilitar o desenvolvimento da criança, com o intuito de criar situações diversas, ou seja, mostrar o objeto a criança, colocá-lo a uma certa distância, fazendo com que a criança tente alcançá-lo, para que assim possa desenvolver sua orientação de espaço e direção. Sendo assim, pode-se dizer que o adulto é o principal responsável por organizar as situações enriquecedoras da qual a criança necessita para seu pleno desenvolvimento.

Assim, pois, o jogo é uma representação de papéis e não um mero treinamento para quando a criança chegar a ser adulto estar preparada para exercer suas funções de adulto. O ato de jogar para a criança é uma forma que ela encontrou para dominar seu mundo e, conseqüentemente, solucionar os principais problemas que encontra em sua realidade.

Portanto, reforçando a ideia dos autores citados anteriormente, conforme Arce (2013, p. 21) “[...] as necessidades e a vontade não são instintivos, eles são frutos de estímulos fornecidos pelo ambiente e pelos adultos. Gerando comportamentos, expressões, formas de a criança se colocar no mundo”. Isto posto, observa-se a relevância e a necessidade de estimular, animar, incitar, aguçar e impulsionar a criança desde bebê, sejam os pais ou os profissionais que irão receber essa criança, tendo em vista que

[...] a criança, primeiramente, encontra-se dependente de suas necessidades iniciais de sobrevivência, na medida em que é apresentada a este mundo pelo adulto (por sua interação intencional que garante a sobrevivência da criança); o desvelar do mundo pelo adulto vai, aos poucos, libertando a criança da primazia das necessidades, possibilitando-lhe a exploração do mundo via objetos; mesmo que sua vontade ainda não apareça de forma conscientemente orientada, ela está em formação. Portanto, o processo de interação com o mundo, mediado pelos adultos que circundam esta criança, marca o desenvolvimento de sua vontade, construindo novas necessidades e suprimindo as já existentes (ARCE, 2013, p.22).

Fica claro que, o papel do adulto como ponto de partida para a brincadeira da criança é imprescindível, pois, mais tarde, irá ganhar espaço com as outras crianças, utilizando suas funções mentais que estarão preparadas, como citado anteriormente por Vygotsky (1998).



É função do professor também enquanto sujeito, ser conhecedor do processo de desenvolvimento infantil, devendo utilizar-se dos momentos das brincadeiras para provocar e desafiar intelectualmente as crianças, pois, sem situações de interação, a criança não vê sentido nem significado, ficando sem estímulo e perdendo o interesse rapidamente,

[...] mas para ser capaz de atuar pedagogicamente desta forma, o professor precisa conhecer a criança com a qual está a trabalhar, tanto do ponto de vista do desenvolvimento, quanto do ponto de vista sócio-histórico e cultural (ARCE, 2013, p.30).

Além do professor, a família também deve interagir com a criança, realizando leituras, brincando com esta criança, pintando, desenhando, pois, de acordo com Arce (2013, p. 35-36) “[...] geram desenvolvimento intencional positivo para os processos de alfabetização e de constituição do pensamento matemático”. A autora ainda esclarece que o ensino não deve ser reduzido somente às aulas expositivas, mas “[...] é a produção intencional da necessidade de conhecer, explorar, descobrir e, para isso, a transmissão, reprodução, imitação são essenciais” e fazem parte do processo educativo na educação infantil”.

Conforme nos diz Alessandra Arce (2013), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil não definem claramente sobre a interferência ou não interferência do adulto na brincadeira e na interação das crianças, porém, isso ignora o conhecimento já adquirido e acumulado a respeito do desenvolvimento infantil e das pesquisas sobre as crianças.

Para Zinchenko (2012 apud Arce) a palavra acompanha a criança desde o seu nascimento, portanto deve na Educação Infantil, ser internalizada e externalizada.

Antes de qualquer manifestação externa da palavra, esta já está internamente, causando uma revolução na vida da criança. O primeiro gerador desta revolução é o adulto que cuida deste bebê, a voz deste adulto, seus gestos, o afeto, o toque que, aliados às *palavras*, atribuem significados à vida do bebê. Esta primeira comunicação, mesmo carecendo da expressão oral, tem seus significados expressos nas sensações, abrindo um universo de ações possíveis e imagens (ARCE, 2013 p.20).

A primeira interação da criança é com o adulto e, mais tarde, a verbalização é consequência deste processo. Segundo Arce (2013, p. 22) nota-se que as necessidades e vontades não são instintivos, mas sim frutos de estímulos fornecidos pelo ambiente e pelos adultos “[...] a criança, então, para além das necessidades básicas de sobrevivência, desenvolve vontade, motivos e



necessidades a partir de demandas, valores, atividades, ambientes propiciados pelos adultos que a educam e cuidam dela”.

Igualmente para Thyssen (2003, apud Arce, 2013), o brincar é para a criança o momento em que ela pode conhecer e manipular os objetos usando o corpo, fazendo imitações, para que mais tarde evolua para a brincadeira de faz de conta, que caracteriza para a criança o mundo dos adultos.

Para as crianças menores de três anos que frequentam a escola, sua principal parceira é a professora e, somente depois, os pares e outras crianças começam a ganhar espaço. É após os três anos de idade, que a criança descobre a vida social, interage com outras crianças e, logo, pode desenvolver relações afetivas.

Nesse sentido Fleer (2012 apud Arce), nos diz que a criança brinca na tentativa de atuar no mundo como o adulto o faz. Segundo Arce (2012) as brincadeiras bem como as relações sociais não ocorrem de forma natural, como citado anteriormente, nem de espontânea, mas são resultados de um estímulo cotidiano.

Para as autoras Siraj-Blatchfor e Sylvia Kathy (2004 apud Arce) quando se referem ao ambiente educacional que esta criança irá frequentar, nos dizem que é preciso que este seja de excelência, “para produzir desenvolvimento na criança é aquele que equilibra atividades propostas e estruturadas pela professora com oportunidades de realização de atividades abertas, em que a criança pode escolher livremente o que deseja fazer”.

A criança deve-se sentir desafiada e estimulada intelectualmente nas brincadeiras, para não gerar desinteresse e perder o significado, por isso a importância de o professor conhecer a criança no aspecto de seu desenvolvimento sócio-histórico e cultural. O processo de interação criança/adulto não deve se restringir apenas ao corpo docente da escola, mas a todos os envolvidos desta instituição, afim de que isso venha a gerar índices altos de desenvolvimento e de estímulos positivos para a experimentação e encorajamento de qualquer interação e brincadeira que a criança possa vir a realizar.

Alem disso é preciso nos recordar que: “Em cada idade da criança, há uma forma específica por meio da qual a criança melhor se relaciona com o mundo, e atribui significado e sentido ao que vê e vive” (MELLO, 2007, p.96).

Sendo assim, estudar a especificidade da infância implica em entendermos que cada idade é condicionada por um desenvolvimento, conjunto de vivências acumuladas, e que não estavam presentes na etapa anterior, pois, são resultados ocorridos durante o processo de aprendizagem e de desenvolvimento da criança.



Considerações finais

Fica, pois, claro que a brincadeira se constitui como importante fator para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, o lúdico, além de contribuir e influenciar na aprendizagem dos conteúdos escolares, também auxilia tem função essencial no desenvolvimento dos aspectos cognitivos e afetivos da criança.

Compreende-se que o “brincar” deve estar inserido em um projeto de trabalho pedagógico, ato extremamente necessário para o desenvolvimento da criança, por isso salientamos que a prática pedagógica do professor deve possibilitar o desenvolvimento da criança, e de novas descobertas, um aprendizado significativo.

Com efeito é por meio da ludicidade que a criança desperta para novos horizontes, novas experiências. O brincar para a criança é muito mais que um ato de aprender, é uma necessidade que precisa ser incentivada pelos pais e professores.

Sobretudo se pensar, é notório o quanto a brincadeira aproxima a criança de atividades livres, onde a imaginação e o faz de conta tem valor fundamental como forma de aprendizado, criando possibilidades da criança desenvolver o pensamento, a linguagem do outro, desenvolver o raciocínio lógico, coordenação motora, espaço-temporal, além de ser a atividade que mais contribui como desenvolvimento.

Sendo assim, é na Educação Infantil que deve ser considerado o lúdico como parceiro e utilizá-lo amplamente para atuar no desenvolvimento e na aprendizagem da criança. A ação de brincar não é instintiva, mas uma construção histórica e social, portanto, uma atividade humana, da qual a criança compreender o universo dos adultos; internaliza as regras sociais e os conteúdos.

Referências Bibliográficas

ARCE, A. **Interações e brincadeiras na educação infantil**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.

ELKONIN. D.B. **Psicologia do Jogo**. 2.Ed. São Paulo, Martins Fontes, 2009.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978.

MELLO, S. A. Infância e Humanização: algumas considerações na perspectiva histórico- cultural.
In: **Perspectiva**. Florianópolis, v. 25, nº 1, 83-104, jan./jun., 2007.

VIGOTSKY L. S. **A formação Social da mente**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.